

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT AGING

Lais Santos Rodrigues 
Jacikele Dutra Cardoso 
Ana Flávia Soares Conceição 

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender as representações sociais que as pessoas e os próprios idosos têm sobre o envelhecimento. Em termos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se pela natureza qualitativa, com abordagem do tema a partir de revisão bibliográfica, discutindo o conceito de representação social; a conceituação e o processo do envelhecer; as reestruturações produtivas neoliberais que afetam a autopercepção de idosos e as representações sociais sobre o envelhecer. Apresentando a importância de trabalhar essa temática trazendo reflexões de como esse velho se sente em relação ao envelhecer diante de uma sociedade que por vezes não compreende que o envelhecimento é um processo gradual e multideterminado sendo, por isso, natural de todas as espécies.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Representações sociais. Idosos.

ABSTRACT

This research aims to understand the social representations that people and the elderly themselves have about aging. In methodological terms, the research is characterized by a qualitative nature, approaching the topic based on a bibliographical review, discussing the concept of social representation; the concept and process of aging; the neoliberal productive restructurings that affect the self-perception of elderly people and social representations about aging. Presenting the importance of working on this theme, bringing reflections on how this old man feels about aging in a society that sometimes does not understand that aging is a gradual and multidetermined process and is, therefore, natural for all species.

KEYWORDS: Aging. Social representations. Elderly.

INTRODUÇÃO

A velhice foi construída dentro do processo de modernização das sociedades ocidentais advindas da industrialização e reestruturação produtiva do século XIX, e está presente em muitos estudos (Blaikie, 1999; Debert, 1999; Katz, 1995, 1996), os quais indicam que as transformações históricas são específicas da modernização,

sendo ainda responsáveis não só por atingirem uma padronização ou uma diferenciação dos estágios do ciclo de vida, mas também, como é visto e compreendido todo o curso da vida (Debert, 1999).

O surgimento das categorias etárias teve início nas sociedades ocidentais a partir do século XIX, ocorrendo gradativamente, de forma que a velhice é constituída, assim como as demais categorias, dentro de um processo histórico amplo, sendo diferenciadas por meio de marcadores sociais como: ir à escola, ingressar na faculdade/mercado de trabalho, aposentadoria entre outros.

O envelhecimento populacional tem se tornado um fenômeno que atinge grande parte do mundo, ocorrendo tanto em países de capitalismo central quanto nos países de capitalismo periférico. A média de vida dos homens brasileiros, atualmente, é de 71,5 anos e a das mulheres de 78,5 anos (IBGE, 2015). Segundo os dados divulgados pelo IBGE (2015), no Brasil em 2030 a população idosa será correspondente a 18,6%, e em 2060 a 33,7%, ou seja, a cada três pessoas na população uma terá 60 anos de idade ou mais.

Ao considerar estes dados faz-se importante ressaltar que o processo de envelhecimento não é apenas chegar aos 60 anos e ser considerado idoso, há toda uma vivência/experiência que faz parte dos marcadores do envelhecimento, a saber: a história, o contexto social, os aspectos biológicos, psicológicos e culturais, que são características fundamentais na delimitação da velhice (Dardengo; Mafra 2018).

O envelhecimento pode ser definido como um processo sócio vital multifacetado ao longo de todo o curso da vida. A velhice denota o estado de "ser velho", condição que resulta do processo de envelhecimento que gerações vivenciaram e vivenciam dentro de contextos sociais, políticos e individuais diversos (Lima *et al.*, 2008; Neri, 2006).

Envelhecer é, sobretudo, um processo histórico e de como o sujeito se categoriza dentro da sociedade. Os percursos históricos e marcadores do processo de envelhecimento se relacionam intimamente, com as representações sociais construídas. Pensando nisso, o desenvolvimento desta pesquisa tem como problema: quais as representações sociais acerca do envelhecimento na atualidade?

Desse modo, compreendendo as diversas formas de representações sociais que as pessoas constroem sobre envelhecimento e as representações que os próprios idosos têm sobre sua velhice. Diferentes concepções sócio-históricas acerca do envelhecimento humano coexistem atualmente no ocidente. O envelhecer,

tipicamente não é visto como algo positivo, pois existem representações sociais que sustentam um olhar negativo e pejorativo acerca da velhice que está associado às reestruturações produtivas atuais, onde o velho é visto como menos produtivo, e com menor valor social (Neri; Freire, 2000).

O presente estudo tem como premissa, que o envelhecer não consiste apenas no conhecimento científico associado às alterações orgânicas, mas, especialmente se estrutura simbolicamente a partir do que é vivido e compartilhado, visões e percepções construídas acerca desta fase da vida que se relacionam tanto com aspectos psicossociais, quanto cognitivos e/ou físicos.

É importante analisar como as pessoas entendem o envelhecimento e como esse processo pode ocorrer de forma diferente, considerando que os aspectos culturais, históricos e econômicos são grandes contribuidores para essas diferenças. Promover o falar de idosos pode favorecer a compreensão de como estes aspectos são percebidos, simbolizados e como as representações sociais podem ser estruturantes de suas vidas e do envelhecer. Logo, pergunta-se: quais as representações sociais que as pessoas têm sobre o envelhecimento?

As representações sociais construídas sobre o envelhecer se estruturam na vida cotidiana dos seres humanos e são determinadas sócio historicamente. Diversas emoções expressadas pelos idosos são resultados de representações sociais negativas que as pessoas têm sobre eles. As concepções pejorativas que a sociedade tem em relação ao envelhecimento, contribui para a exclusão dos idosos, tornando-os invisíveis. As reestruturações produtivas neoliberais também afetam a sua autopercepção (Debert, 1996).

Este estudo tem como objetivo compreender as representações sociais que as pessoas e os próprios idosos têm sobre o envelhecimento. Averiguar como a reestruturação produtiva afeta a autopercepção da sociedade e dos idosos no século XXI; analisar como as representações sociais afetam emocionalmente o idoso nesse processo do envelhecer e compreender o processo de envelhecimento.

Os conceitos que serão discutidos dentro deste artigo consistirão em quatro tópicos, sendo eles: o conceito de representação social; a conceituação e o processo do envelhecer; as reestruturações produtivas neoliberais que afetam a autopercepção de idosos e as representações sociais sobre o envelhecer. A presente análise consiste na exposição das ideias construídas através das informações levantadas a respeito da conceituação de representação social, o processo do envelhecimento, as

reestruturações neoliberais, a autopercepção de idosos, e as representações sociais sobre o envelhecer.

1 ENVELHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

As representações sociais são baseadas no conhecimento que as pessoas constroem sobre as outras pessoas, si mesmas e a realidade onde estão inseridas a partir das experiências de interações dentro dos grupos sociais e contextos históricos, onde visões e interpretações da realidade são criadas de acordo com as percepções e significados que estas produzem, ou seja, são construções que se tornam espelhos da realidade (Moscovici, 2003). Para maior compreensão da teoria das representações sociais, apresentaremos teóricos que abordam a temática. A saber, para Fagundes (2006),

[...] As representações sociais se apresentam como a gama de todas as formas de conhecimento, ligado a imagens, conceitos, categorias e teorias, elaborados por indivíduos que pensam a partir do senso comum, “não sozinhos”, embutidos em processos de comunicação no cotidiano das relações sociais. Estes conhecimentos não se reduzem apenas aos elementos cognitivos, mas que, compartilhados, contribuem para a construção de uma realidade comum. Assim, as representações sociais constituem-se em um fenômeno social que têm de ser entendido a partir do seu contexto de produção, do interagir, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (Fagundes, 2006, n. p).

Através desse conceito pode-se concluir, que as representações são criadas mediante as interações vivenciadas, e não se restringem aos fatores cognitivos, ou seja, percepção, memória, juízo e/ou raciocínio, visto que esses aspectos são singulares de cada sujeito, enquanto as representações sociais se constroem a partir do compartilhamento de conhecimentos. Nesse mesmo sentido, Moscovici (2003), traz sua contribuição de como são efetivadas as representações sociais.

Os meios de comunicação de massa aceleraram essa tendência, multiplicaram tais mudanças e aumentaram a necessidade de um elo entre, de uma parte, nossas ciências e crenças gerais puramente abstratas e, de outra parte, nossas atividades concretas como indivíduos sociais. [...] existe uma necessidade contínua de reconstituir o senso comum, [...] nossas coletividades hoje não poderiam funcionar se não se criassem representações sociais, baseadas no tronco das teorias e ideologias que elas transformam em realidades compartilhadas, relacionadas com as interações entre pessoas (Moscovici, 2003, p. 48).

Na concepção de Moscovici, é visível como as representações sociais, parte de um indivíduo para o todo, e como essas crenças do senso comum por vezes podem ser consideradas efetivas dentro do meio científico, de forma a serem apresentadas através dos meios de comunicação em massa. Entretanto isso não acontece com todas as representações, pois algumas delas são senso comum e continuam sendo.

Já para Durkheim (1964), a conceituação de representação social está inteiramente ligada a consciência coletiva, que tem como conceituação o conjunto de culturas, ideias morais e normativas, de forma que comportamentos e pensamentos individuais a serem compartilhados é entendido de alguma forma pela sociedade, sendo assim, construída a representação de forma partilhada por um determinado lugar ou cultura específica passando até ser algo conhecido universalmente.

Porém, existem representações que são estabelecidas por um determinado local, sendo vivenciado apenas por aquela cultura, mesmo que partilhado com outros povos mas que optaram por não adotarem para si essa representação. Entende-se que a representação social está para além do indivíduo, o que para ser modificado demandaria um longo tempo, a desconstrução neste caso pode demorar mais do que a construção de uma nova representação.

Marková (2006) afirma que as representações sociais são identificadas na história, onde pode ser hoje estudada e percebida como ela foi formada, podendo ser entendida como um processo, onde foi criada, passada para mais pessoas e estabelecida pela sociedade, passando assim de geração em geração, e podem ser vistas e vivenciadas até os tempos presentes. Hoje não é diferente, pois existem pensamentos e comportamentos que são formados, executados e passados, tornando-se estabelecido, de forma a ser comum, podendo tornar-se científico. Então, as representações são criadas em diversos períodos que lhes são anteriores, sendo geradas pelo contexto atual, em seguida, convertidas em parte da história.

Conforme Vala e Monteiro (2013), as representações sociais são a elaboração e o compartilhamento de informações entre indivíduos e que tem como objetivo contribuir para a construção de uma realidade comum para um grupo social. As representações sociais está para além de crenças consensuais, ou seja, ela se organiza de forma variada e não está ligada necessariamente a crenças compartilhadas, visto que, uma vez que forem compartilhadas, elas podem resultar em posições diferentes, ou até mesmo opostas das pessoas, no que se refere a pontos comuns que os mesmos tenham.

De acordo com Jean-Claude Abric (1994). Uma representação social é organizada como um conjunto de informações, opiniões, atitudes, crenças e respeito em relação a um objeto. A representação social é facilmente marcada pelos princípios que correspondem ao sistema sócio-ideológico, ou seja, são conjuntos de ideias compostas por algo, além de ser também marcada pela história do grupo que a vincula por ser socialmente construída. Entretanto, ainda segundo Abric, nem todas as partes constituintes desse sistema têm a mesma relevância.

Alguns são fundamentais, outros são importantes e outros ficam em segundo plano. Então o autor traz que para conhecer de verdade uma representação social acerca de um determinado objeto ou para determinado grupo, é importantíssimo aprender como essas características mantêm sua organização e sua hierarquia.

Atualmente, diversos teóricos como Beck, Giddens, & Lash (1997), "pós-modernidade" Hall (1998), "modernidade tardia" Chouliaraki & Fairclough (1999); Giddens (1997) ou "modernidade líquida" Bauman (2000). Afirmam que está sendo mais difícil estabelecer representações sociais, pois hoje está ocorrendo diversas mudanças de forma que está interferindo os indivíduos a estabelecerem representações de si mesmo e de como representar o outro.

São diversas as incertezas, a fluidez e a falta de união. Por isso, talvez, venha prevalecendo o individualismo. Dessa forma, justifica-se a dificuldade em se criar representações pois elas precisam ser compartilhadas e passadas, circunstância que tem sido cada vez mais escassa, dada a falta de contato e de trocas advindas do diálogo com o outro.

2 O ENVELHECIMENTO E O SEU PROCESSO

O Envelhecimento é uma fase do desenvolvimento humano que pode ser entendido como dinâmico e heterogêneo, ocorrendo de forma única dentro de cada experiência vivenciada ao longo da vida. Dentro desse processo de envelhecer, ocorrem diversas mudanças, sendo estas no âmbito biopsicossocial. Birren e Schroots (1996) afirma que o envelhecimento é dividido em três subdivisões: o envelhecimento primário, secundário e terciário. O envelhecimento primário é considerado normal, ou seja, a senescência, onde todos os seres humanos ao envelhecer passa por esse processo de alterações fisiológicas, sendo este momento caracterizado por perdas, como por exemplo, flacidez da pele, rugas, mudanças

perceptíveis como uma lentidão ou mau funcionamento do organismo, e dentre outras características que todos os seres humanos que vivem até a velhice pode passar, entretanto, elas ocorrem de formas diferentes para cada um, pois existem os fatores genéticos, ambientais, educacionais e de classe social.

Birren e Schroots (1996) vão dizer que o envelhecimento secundário ou patológico, se refere a doenças que são inconfundíveis com a etapa normal do envelhecimento. São diversas as doenças, bem como, lesões cardiovasculares, cerebrais e outras oriundas do estilo de vida desse indivíduo, fatores ambientais e também de mecanismos genéticos. Sendo assim, o envelhecimento secundário está ligado a sintomas clínicos, estando também incluído entre eles os impactos que a doença e o ambiente trazem.

O envelhecimento secundário é o envelhecimento que acontece através das interações que os indivíduos têm com as influências do meio, variando entre cada indivíduo e o ambiente em que o mesmo está inserido. O envelhecimento secundário está totalmente relacionado aos aspectos culturais, geográficos e cronológicos (Netto, 2002). Mesmo o envelhecimento primário e secundário tendo características diferentes, eles interagem fortemente. Spirduso (2005) salienta que as doenças e o stress que essas pessoas passam dentro do seu ambiente, facilitam e apressam os processos básicos, normais, o que acaba por intensificar a vulnerabilidade que esse indivíduo já tem a essas doenças.

A terceira e última divisão do envelhecimento para Birren e Schroots (1996), é caracterizada por perdas fisiológicas e cognitivas, sendo estes atributos do próprio envelhecer ou perdas que foram ocasionadas devido a patologias, sendo estas de cunho genéticos ou falta de cuidados físicos e alimentares. As perdas cognitivas ocorrem em todos os tipos de envelhecer, entretanto no envelhecimento patológico elas ocorrem em um grau mais elevado, como citado na divisão primário a escolaridade é um fator que influencia na cognição.

No envelhecimento existem ganhos e perdas, um dos ganhos é a inteligência cristalizada, pois se trata do conhecimento que foi adquirido durante toda a vida, bem como lembrar de datas históricas importantes, acontecimentos, histórias e tradições. Entretanto, na velhice há uma perda na inteligência fluida, que exige um raciocínio mais rápido na capacidade de resolução de problemas, o que pode causar uma lentificação na capacidade de aprender coisas novas como por exemplo manusear computadores e celulares (Fernandes; Sousa, 2017).

A fase do envelhecimento humano ocorre de várias formas por ser acometida por influências intrínsecas e extrínsecas, pois faz parte de cada indivíduo os fatores genéticos e ambientais. Na velhice, algumas características podem ser mais evidentes dentro dos fatores genéticos podendo contribuir para uma velhice saudável, entre outras características que induzam a uma velhice patológica, assim como fatores extrínsecos, como a alimentação, sedentarismo, e a prática de exercícios físicos pois, a falta de exercício cerebral pode ocasionar demências, como alzheimer. Outros aspectos também influenciam para que o idoso tenha um envelhecimento saudável, como por exemplo, a baixa renda, ter pouco acesso às redes de saúde e escolaridade (Brink, 2001; Papaléo Netto, 2002).

A velhice também é percebida como uma etapa do ciclo da vida, uma aproximação da morte marcada por doenças, em que ocorre sofrimento, dependência, abandono e desrespeito (Araújo; Carvalho; Moreira, 2003). Partindo dessa percepção que a sociedade do início do século XXI detém sobre o envelhecer, percebe-se a desvalorização do indivíduo idoso, o que resulta em sua marginalização e, conseqüentemente, na supervalorização da juventude. De forma que isso pode afetar emocionalmente os idosos, ocasionando frustrações que os levam a se sentirem sem objetivos na vida.

O processo de envelhecimento não se constitui apenas por aspectos negativos, mas se caracteriza também como um processo de vários ganhos. É certo que o ganho mais relevante e crucial do envelhecer é a longevidade, ou seja, a própria vida. Outro ganho seria a inteligência cristalizada, que são experiências e elementos que estão no passado, mas, que permanecem nítidas na memória, além disso, é visto também nessa fase a experiência, e a racionalidade (Baltes & Baltes, 1990; Neri, 2006; Neri, 2013).

Existem representações positivas no processo de envelhecimento, em que o idoso é visto como experiente e possuidor de conhecimentos históricos e tradicionais sendo capaz de passá-los para as gerações futuras (Hedler, Faleiros; Santos; Almeida, 2016).

A fase do envelhecimento também traz consigo uma certa inventividade, em que os idosos são criativos para resolver problemas que ocorrem no cotidiano, podendo adaptar-se em diversas situações e enfrentando de maneira positiva alguns problemas que acontecem durante essa fase da vida. Entretanto, essa criatividade depende de algumas condições, bem como o contexto em que esses idosos estão

inseridos, fatores sociais, educacionais e as pessoas com quem convive, como a família, ou cuidadores. A personalidade e componentes cognitivos também podem influenciar esse processo de criatividade (Braga; Santana; Ferreira, 2015).

3 REESTRUTURAÇÕES PRODUTIVAS NEOLIBERAIS EM FACE DO PROCESSO DE AUTOPERCEPÇÃO DOS IDOSOS

O neoliberalismo é uma corrente de pensamento que rege atualmente dentro do campo político o modelo de produção\reprodução do capitalismo. A reestruturação do neoliberalismo no Brasil teve início na década de 90, possibilitando novas formas de política econômica, reestruturando a produtividade nas empresas. O livre mercado se autorregula, pois, a partir dessa modificação, as empresas começaram a ter uma menor dependência do governo, se tornando propriedades privadas (Laval *apud* Andrade; Ota, 2015; Mudge, 2008).

O neoliberalismo foi inserido no Brasil de forma abrangente a partir dos anos de 1995, mais precisamente no governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), através do Plano Diretor da Reforma do Estado (PDRE), organizado por Bresser Pereira” (Silva, 2019, p. 4). O motivo pelo qual houve a proposta de uma nova reforma foi pela justificação de que a administração pública ou estrutura organizacional do estado, estaria sobrecarregada de coisas e por isso não conseguiria cumprir suas funções, fazendo com que fosse feita estratégias para sair da crise na década de 1980. A estratégia proposta foi a redução da participação do estado, especialmente no que diz respeito à economia, visto que no seu lugar deveria estar o mercado.

Em detrimento disso, houve duas consequências: primeiro, a classe trabalhadora perdeu seus direitos devido ao processo de flexibilização do trabalho e os gastos e cortes sociais que teve. Segundo que para reduzir a inflação houve consequências que acabaram atingindo o trabalho das Políticas Públicas na sua realização, qualidade e extensão. Por isso, as Políticas Públicas reduziram sua assistência às pessoas e sua efetividade, o que resultou apenas na realização mais rápida e específica.

Levando em consideração todos os aspectos que o neoliberalismo traz para o país mediante a política, existem desigualdades entre as novas demandas resultantes da mudança no perfil demográfico da população brasileira havendo uma

desorganização das políticas sociais, decorrente do neoliberalismo, sucedendo aumentos na precarização das condições de envelhecer no Brasil (DIEESE, 2015). É exatamente nesse quadro brasileiro contemporâneo de ofensiva neoliberal, que as Políticas Públicas se encontram com outro fenômeno social, o envelhecimento populacional, um fenômeno que cresce cada vez mais no mundo e que infelizmente as questões sociais do tempo atual não favorecem esse grupo.

De acordo com Silva (2019), o envelhecimento populacional é uma grande conquista e por isso ele deve ser bem cuidado de forma ampla, em todas as suas dimensões, porque cada indivíduo passa por essa fase de forma diferente, visto que cada um tem sua singularidade e possuindo mediações com o contexto sócio-histórico e político-econômico.

A preocupação com esse público se deu na década de 1970 no campo internacional em países desenvolvidos. Já no Brasil o cuidado com a pessoa idosa em relação a sua proteção se deu a partir de alguns artigos do Código Civil (1916); do Código Penal (1940); do Código Eleitoral (1965); na Lei nº 6179 de 1974, criando a Renda Mensal Vitalícia pelo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), garantindo a esse beneficiário que receba um benefício para sua manutenção e também criando alguns decretos, leis, portarias, mas não contendo nenhuma lei específica para atender as demandas desse idoso (Silva, 2019).

Para mais atenção ao público idoso, em 4 de janeiro de 1994 foi criada a lei nº 8.842 da Política Nacional do Idoso com o objetivo de fazer esse idoso participante dentro da sociedade e promover a esse idoso autonomia. A (PNI) trabalha para que esse idoso tenha seus direitos, para que as obrigações que os órgãos têm em relação aos locais de atendimento para com esse público sejam cumpridas. 9 anos após a PNI, foi publicada em 1º de outubro de 2003 a Lei Federal Nº 10.741, depois de 6 anos realizando procedimentos no Congresso, foi instituído o Estatuto do Idoso para favorecer a pessoa idosa, de forma que quem não cumprir essas leis, esse comportamento seria apontado como crime.

Outro momento marcante para o público idoso no Brasil foi a Política Nacional da Pessoa Idosa que foi estabelecida pela portaria 2.528/GM, de 19 de outubro de 2006. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) essa política tem como objetivo assegurar atenção e saúde digna para os idosos e busca manter esses objetivos sempre de acordo com as diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Portanto, através de todas essas leis e políticas pode-se dizer que a

população idosa está bem protegida, entretanto, esses direitos estão atravessados pela força neoliberalista que faz com que o estado fique forte para o mercado e diminui essa força para as questões sociais.

Como consequência disso, envelhecer no Brasil no século XXI, significa viver de duas maneiras, a primeira o indivíduo pode fazer parte da classe favorecida da sociedade, tendo condições para ter uma melhor qualidade de vida, tendo todos os benefícios, tanto econômicos quanto políticos, ou esse indivíduo pode fazer parte da maioria da população, ou seja, a classe trabalhista, que faz a vontade do capital, trabalhando para gerar mais lucratividade para o poder, sem receber o valor real pelo que se trabalhou e sem receber as condições necessárias dos serviços de saúde que são seus por direito.

Essa situação está totalmente relacionada com o desejo de conquistar a cidadania via mercado em detrimento da perspectiva do direito, que provoca desafios para se obter acesso a Proteção Social ao idoso no Brasil, fazendo com que a pessoa idosa fique a mercê da assistência filantrópica e tornando o envelhecer em mercadoria. Então, mesmo com todas as leis de proteção social ao idoso é perceptível que por vezes não são efetivadas como deveriam, o que reflete negativamente essa proteção, sendo assim, muitos idosos não têm condições de consumir os serviços privados dos quais precisam ou não se enquadram nos critérios de acesso às políticas públicas.

Outro reflexo neoliberal é a evolução da tecnologia pois, é um fator que não beneficia tanto esse idoso, visto que os mesmos não sabem manusear os aparelhos e na atualidade basicamente tudo se resolve de forma remota. Além disso, dentro da sociedade, se você não produz você simplesmente é descartado, por isso a pessoa velha é excluída da sociedade e dela é tirado seu direito como cidadão.

Dessa forma os desafios que são colocados ao envelhecer na contemporaneidade dentro do Brasil, são questões de cunho social e que devem ser resolvidos a partir do mesmo, tendo em vista a presença de lacunas no que diz respeito ao atendimento das demandas da pessoa idosa, fazendo-se ainda necessário ultrapassar a cobertura apenas de riscos sociais, expandindo atividades que seja sustentável e independente.

O envelhecimento é um processo que abrange não só um, mas vários fatores e que só pode ser entendido se for levado em consideração os aspectos biológicos, psíquicos e socioculturais. Entretanto, com a influência do modelo médico, há uma

hipervalorização do aspecto biológico, ou seja, só é levado em conta a parte biológica do ser humano. Esse modelo, traz que o envelhecimento é um processo biológico marcado por morte, sempre visto como perdas, o que acaba colocando a velhice como um processo de declínio (Cunha, Eulálio, Brito, 2004).

De acordo com (Oliveira *et al.*, 2017) é comum na atualidade as pessoas desvalorizar e tratar o idoso como um ser humano que não merece respeito, fortalecendo o comportamento preconceituoso sobre a velhice e focando apenas na sua incapacidade, improdutividade, nas suas doenças, na solidão desse indivíduo, retirando a sua total capacidade de realizar projetos, de ser útil na sociedade, o que exclui totalmente a subjetividade que essa pessoa tem. A palavra "velho" vem rodeada de pensamentos e conceitos negativos, visto que a sociedade exalta a juventude, o que é bonito e menospreza a velhice, construindo assim, rejeições sociais do envelhecimento.

Há diferentes representações sociais sobre o processo de envelhecimento do ponto de vista de grupos específicos, visto que, cada indivíduo vê essa fase da vida com base em suas vivências e experiências. Existem várias formas de passar por essa fase, porém, sempre vimos ao longo da história que a velhice é vista como desgaste do indivíduo e associada a doenças e perdas.

É importante ressaltar que o olhar que as pessoas têm sobre o envelhecimento está também inteiramente ligada a forma como elas foram criadas dentro do ciclo familiar, porque são características que vão sendo passadas, e todos fazem parte de uma sociedade que já têm criado diversas representações a respeito do envelhecer, de como ele ocorre e a forma que isso vai sendo fixado. A grande maioria entende a velhice de acordo com aquilo que foi passado, e isto é um dos motivos pelo qual há diversos olhares deturpados referente a essa fase da vida (Oliveira *et al.*, 2017).

Sobre as várias representações que as pessoas têm sobre o envelhecer (Oliveira *et al.*, 2017) vão dizer através de suas pesquisas, que os adultos vêem os idosos como pessoas que têm mais de 60 anos, uns mais ativos que outros dependendo do contexto e da forma como viveram. Apenas é uma fase da vida que acontece com o passar dos anos e com o passar do tempo o corpo vai reagindo lentamente, e conseqüentemente esse idoso acaba vivendo com limitações, porém, são pessoas que tem bastante experiências por já ter vivido muito.

Outra pesquisa que também mostrou a percepção das pessoas relacionado a esse assunto foi a de Cruz, Ferreira (2011). Nesse estudo, verificou-se como os membros do núcleo familiar vêem a pessoa idosa. Os depoimentos mostraram que há certos comportamentos, que caracteriza o ser velho. Esse jeito de ser, está ligado a algumas alterações, principalmente as emocionais e psicológicas, que acabam gerando estigmas negativos, bem como, chato, rabugento, teimoso, cheio de manias, implicante e dependente.

Morar na mesma residência que o idoso faz com que as pessoas elaborem o próprio processo sobre o envelhecimento, reestruturando de certa forma esse pensamento estereotipado da velhice, entretanto se a percepção que esse indivíduo tem sobre a velhice estiver ligada a representações negativas desse processo, como perdas, conseqüentemente isso vai gerar nessa pessoa pensamentos de rejeição quando chegar nessa fase da vida, pois é o que ele elaborou da própria velhice.

Cruz & Ferreira (2011) avaliam que a pessoa que convive com idosos tem uma grande chance de construir um pensamento diferente, de um envelhecer saudável, porém, a entrevista mostra que mesmo tendo esse convívio, as pessoas passam uma visão que é muito predominante, ou seja, uma velhice atrelada à perdas, abandono e morte. A pesquisa mostrou que a convivência que os familiares da pesquisa têm com idosos totalmente dependentes e estarem em contato diariamente vendo as limitações advindas da velhice, traz indícios que essas pessoas podem ter uma velhice difícil. Os autores apontam que viver essa fase da vida de forma positiva está longe para os entrevistados, visto que suas representações sobre o envelhecimento são de dependência, enfermidades, fato que faz com que essas pessoas tenham histórias de uma velhice mal sucedida.

Partindo do geral para o específico, é importante compreender como as pessoas velhas se sentem e veem essa esta etapa da vida. As representações sociais que os próprios idosos têm sobre o envelhecer está inteiramente ligada ao seu núcleo de convivência, e as mudanças que ocorreram no processo do seu envelhecer, experienciando essa fase trazem consigo as ideias preconceituosas e a visão negativa que obtiveram ao longo da vida. Através da pesquisa realizada por, Cruz e Ferreira, demonstrou como os idosos têm o olhar de que as doenças são características da velhice, como sendo algo que não pode ser evitado, pois se veem como fracos e incapazes, que só luta quem é forte, ou seja, os jovens (Cruz, Ferreira, 2011).

A representação social da velhice está pautada na desesperança e fragilidade, mesmo as pessoas aceitando o envelhecer, ancoram essa representação na deterioração física do corpo e não aceitam essa fase com otimismo. Muitos, ao perceber mudanças no corpo, como a pele mais flácida, por mais que saibam que isso faz parte do envelhecimento entram em um conflito interno, devido o que a sociedade apresenta como imagem corporal, pois essas modificações são associadas como sinônimo de morte (Teixeira; Neri, 2008).

Quando se discute sobre o envelhecimento do sexo masculino, as representações estão relacionadas as atividades, caracterizando o envelhecer como perda do ritmo de trabalho. Geralmente é um marcador maior para o homem pois é visto como o chefe da família e mantenedor do lar, e não ocupar esse lugar seria como uma perda de identidade. Essa noção de perda traz consigo uma comparação com a juventude, pois ocorre na velhice uma diminuição das capacidades físicas (Azevedo; Modesto, 2016).

Há idosos que relata que durante sua juventude pensavam, eu não quero ou eu não vou ficar assim e quando percebem já estão com cabelos brancos, pele enrugada, não conseguindo mais realizar certas atividades que costumava fazer, coisas que antes fazia sozinho e que agora pelas preocupações dos filhos e demais familiares, agora é acompanhado para realizar. Muitos idosos que estão vivenciando o envelhecer, acabam efetivando as representações negativas que obtiveram durante a vida por ter aquilo tão internalizado, não se dando a chance de criar suas próprias representações (Cruz; Ferreira, 2011).

Na literatura pode ser encontrado alguns estudos que falam das representações negativas a respeito do envelhecimento entretanto são poucas que falam dos pontos positivos e do olhar especificamente do idoso desta fase a qual está vivenciando, mas Oliveira *et al.*, trazem em sua pesquisa algumas falas dos idosos que pensam o envelhecer como uma fase positiva, pontuando ser uma pessoa que obtém muita experiência, porque já vivenciou muitas coisa tanto boas como ruins, e que pode contribuir para ensinar os jovens, aconselhar, tem mais tempo para passar com os netos e fazer alguma coisa que goste sem muita preocupação (Oliveira *et al.*, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento desta pesquisa, pretendeu-se verificar as representações sociais da velhice, destacando os pensamentos que as pessoas e os próprios idosos têm sobre o envelhecer, e através de bibliografias foi possível identificar a prevalência de representações sociais negativas a respeito dessa fase, de forma que essas impressões negativas foram sendo construídas socialmente e reforçadas pelo próprio governo capitalista, que se justifica pontuando o idoso como improdutivo e por vezes menospreza considerando-os como um fardo.

Pensando nessas representações negativas, o presente estudo teve como finalidade mostrar outra perspectiva, os pontos positivos que existe nessa fase e que cada envelhecer ocorre de forma heterogênea, sendo assim, não há só a velhice patológica marcada por doenças, existe a velhice bem sucedida, e para chegar a essa velhice existem alguns marcadores que irão influenciar, nível socioeconômico, acesso à educação, e dentre outros aspectos que estão dentro dos fatores biopsicosocial.

Pode-se, em suma, que os estereótipos de inutilidade e incapacidade, bem como as dificuldades vivenciadas na fase da velhice, podem ser modificados a partir da atenção efetiva das políticas públicas na preparação da sociedade para a fase do envelhecimento. A uma necessidade de serem realizadas mais discussões, palestras, pesquisas e publicações, com a temática do processo do envelhecimento, para que a sociedade obtenha cada vez mais conhecimento e assim possa ser desconstruídos representações negativas sobre essa fase da vida, e entender como esse processo ocorre, de que forma, e como fazer para a obtenção de uma velhice bem-sucedida.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P. A. C., MODESTO, C. M. S. A (re)organização do núcleo de cuidado familiar diante das repercussões da condição crônica por doença cardiovascular. **Saúde em Debate**, v. 40, n. 110, p. 183-194. 2016.

ARAÚJO, L. F., CARVALHO, V. A. M. L., MOREIRA, E. F. Representações sociais da velhice: um estudo com idosos paraibanos. In: **III Jornada Internacional & I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003.

ABRIC J, C. **Prácticas sociales, representaciones sociales**. México DF: Ediciones Coyoacán; 2001.

BALTES, P. B. BALTES, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In : P. B. Baltes & M. M.

Σ SIGMA, Macapá, v. 5, n. 5, p. 26-44, jan. - jun. 2024.

Baltes. **Successful aging perspectives from the behavioral sciences.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 1-34.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BRINK, J. J. Biologia e Fisiologia Celular do Envelhecimento. In: GALLO, J. J.; MURPHY, J. B.; RABINS, P. V.; SILLIMAN, R. A. WHITEHEAD, J. B. Reichel **Assistência ao Idoso: Aspectos Clínicos do Envelhecimento.** 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2001, p. 472-476.

BLAIKIE. A. **Ageing and Popular Culture.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BIRREN, J.E., E SCHROOTS, J.J.F. History, concepts and theory in the psychology of aging. In: J.E. Birren e K.W. Schaie (Eds.), **Handbook of The Psychology of aging.** 4. ed. San Diego: Academic Press, 1996.

BECK, U. A reinvenção da política: Rumo a uma teoria da modernidade reflexiva. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Orgs.). **Modernização reflexiva – política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Ed. Unesp, 1997, p. 11-71.

BRAGA, I. B., SANTANAS, R. C., e FERREIRA, D. M. G. Depressão no Idoso. **Revista de Psicologia**, v. 9, n. 26, p. 142-151, 2015.

CUNHA, A., C., H; EULÁLIO, M., C; BRITO, S., M., O. O corpo e as representações construídas por mulheres idosas. In: FERNANDES, Aliana; CARVALHO, Maria do Rosário de; SOBRINHO, Moisés Domingos. (Orgs.). **Representações sociais e saúde: construindo novos diálogos.** Campina Grande: EDUEP, 2004.

CHOULIARAKI, L., FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CRUZ, C, R; FERREIRA, A, M. Um certo jeito de ser velho: Representações sociais da velhice por familiares de idosos. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 144-151, 2011.

DEBERT., G.G. As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. Em Ministério da Previdência e Assistência Social (Org.), **Anais do I Seminário Internacional.** Envelhecimento populacional: uma agenda para final de século. Brasília, DF, 1996.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento.** São Paulo: Fapesp, 1999.

DURKHEIM, É. **The rules of sociological methods.** New York: The Free Press of Glencoe, 1964.

DARDENGO, C.; F.; R.; MAFRA, S.; C.; T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 2, jul./dez, 2018.

DIEESE. Subsídios para estruturação da linha de pesquisa. Relações de trabalho e Negociação coletiva da Escola DIEESE de Ciências do Trabalho. **Escola DIEESE de Ciências do Trabalho**, 2023. Disponível em: <https://escola.dieese.org.br/negociacao-coletiva-e-reforma-trabalhista-desafios-a-acao-sindical/>. Acesso em: 05 de nov. 2022.

FERNANDES-ELOI, J., Dantas, A.J. , L., Sousa, A. M. B. D. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Saúde & Transformação Social**, v. 8, n. 1, p. 61-71, 2017.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

HEDLER, H. C. FALEIROS, V. P., SANTOS, M. J. S., ALMEIDA, M. A. A. Representação social do cuidado e do cuidador familiar do idoso. **Revista Katálysis**, v. 19, n. 1, p. 143-153, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida, 2015. **IBGE**, recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>. Acesso em: 20 de jan. 2023.

KATZ, **Steven Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge**. Charlottesville: University Press of Virginia. 1996

LAVAL, C ; FOUCAULT, B. **Et la question néolibérale**. Paris: La Découverte, 2018.

LIMA, A. M. M. SILVA, H. S., & GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface**, v. 12, n. 27, p. 795-807, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais: a dinâmica da mente**. Petrópolis : Vozes, 2006.

NÉRI, A. L., & FREIRE, S. A (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

NÉRI, A. L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: Malloy- Diniz, L et al. (Eds.), **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**. Porto Alegre: Artmed. 2013, p. 17-42.

NÉRI, A. L. O legado de Paul B. Baltes. À Psicologia do Desenvolvimento e Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 17-34. 2006.

NETTO, M. P. História da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e temas básicos. In E. V. FREITAS, L. PY., A. L. NÉRI., F. A. X. CANÇADO., M. L. GORZONI, M. L. E. S. M. ROCHA (Eds.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1-12, 2002.

OLIVEIRA, R. C. S., SCORTEGAGNA, P. A., SILVA, F. O. A. Múltiplos olhares sobre a velhice: representações sociais a partir da percepção de crianças, adultos e idosos. In: D'ALENCAR, R. S., ed. **A representação social na construção da velhice** [online]. Ilhéus, BA: EDITUS. 2017, p. 189-213.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: CANÇADO, F. A. X.; FREITAS, E. V.; GORZONI, M. L.; PY, L.; NERI, A. L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 2-12.

SILVA, T. F. O envelhecimento em tempos de desmonte das políticas públicas sociais. Paraíba, maio de 2019. **VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano - CIEH**. Disponível em: https://editorarealise.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA6_ID1073_05062019133313.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.

SPIRDUSO, W. **Dimensões físicas do envelhecimento**. São Paulo: Manole, 2005.

TEIXEIRA, I., N., D., A., O. NERI, A., L. Envelhecimento bem-sucedido: Uma meta no curso da vida. **Psicologia USP**, 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v19n1/v19a10.pdf>. Acesso em 20 de set. 2021.

VALA, J.; MONTEIRO, M. B. Pensamento social e Representações sociais. **Psicologia Social**. Lisboa, v. 9, n. 354, p. 366-386, 2013.

Sobre as autoras

Lais Santos Rodrigues

Graduada em Psicologia pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA

Contato: laissantosrodrigues.psi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7514-4197>

Jacikele Dutra Cardoso

Graduada em Psicologia pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA

Contato: jacikelledutracardoso@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3481-0548>

Ana Flávia Soares Conceição

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA

Contato: ana.soares@adventista.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6654-0785>

Artigo recebido em: 19 de julho de 2023.

Artigo aceito em: 19 de junho de 2024.